

LUCAS ROCHA

VOCÊ
TEM
A
VIDA
INTEIRA

2ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R574v

Rocha, Lucas

Você tem a vida inteira [recurso eletrônico] / Lucas Rocha. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2020.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-119-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

20-65636

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Copyright © Lucas Rocha, 2018

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-119-7

Seja um leitor preferencial

Record.

Cadastre-se em

www.record.com.br e receba

informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



*I've been down the very road you're
walking now
It doesn't have to be so dark
and lonesome
It takes a while but we can
figure this thing out
And turn it back around*

THE SHINS

Sumário

Prefácio

Você tem a vida inteira

Epílogo

Entrevista feita com Lucas Rocha para o blog da Editora Record

Agradecimentos

PREFÁCIO

por Daniel Fernandes

Tem dias em que a única coisa de que precisamos é um amigo ao nosso lado para nos dar um abraço e dizer: “Tenha calma, no final tudo termina bem!” Talvez você até tenha esse amigo, mas será que se sente à vontade para desabafar e contar que acabou de descobrir sua sorologia positiva para o vírus do HIV?

Não é fácil receber esse diagnóstico. Muito menos verbalizar tudo o que se passa por nossa cabeça. Quando descobri minha sorologia, tive medo de falar abertamente sobre o assunto. Recebi alguns foras, vários “amigos” se afastaram. Mas foi nessa época também que percebi que teria dois pilares principais em minha vida. Um deles é meu ex, hoje meu melhor amigo, que infelizmente foi infectado por mim quando eu ainda não sabia da minha sorologia. Desde o momento da minha descoberta até a hora de realizar o exame para saber se ele estaria infectado ou não, meu ex não me culpou nem me tratou com indiferença. Ele é a pessoa que mais tem me dado forças para encarar tudo! Depois de confirmada a sorologia dos dois, nosso primeiro contato foi com minha ex-cunhada, hoje também minha melhor amiga e uma das pessoas com quem criei laços que ultrapassam os sanguíneos.

O apoio dos amigos e da família é fundamental, principalmente porque nesses primeiros dias pós-diagnóstico você não sabe se um dia terá a oportunidade de estar amorosamente com alguém, ou se conseguirá ter relações íntimas de novo. Você vai sentir saudade daquela pessoa que te faz

sorrir sozinho quando se lembra dela, mas também vai se ver acompanhado pela dúvida se todo aquele carinho e afeto de antes vão continuar quando decidir revelar a sorologia positiva para o vírus do HIV. Se você está passando por isso, saiba que não está sozinho.

O HIV é um novo armário que nos prende, com portas mais pesadas, e às vezes se torna mais fácil viver escondido nele, mesmo que seja solitário e doloroso. O medo de sofrer preconceito é gigantesco, e o preconceito se intensifica por falta de informação. Seria incrível se todos entendessem que, buscando conhecer determinados assuntos — o HIV, nesse caso —, nos tornamos pessoas mais empáticas e respeitadas, conscientes de nossas responsabilidades. E, assim, abrimos espaço para o diálogo, seja ele entre amigos, na escola ou em casa, e esse diálogo é essencial para que a informação chegue com clareza àqueles que, infelizmente, ainda propagam discursos de ódio.

Graças aos avanços da medicina, o tratamento para o HIV já não é tão devastador como era há alguns anos. Todo aquele pesadelo de efeitos colaterais dos antirretrovirais já não existe mais. Além disso, estudos mais recentes apontam que, quando uma pessoa com HIV faz o uso correto dos medicamentos, o vírus é controlado e reduzido a uma quantidade tão baixa que sequer

é reconhecido nos exames, o que, após seis meses nessa condição, faz com a pessoa soropositiva não transmita o vírus por via sexual. Isso quer dizer que, mesmo que durante a relação sexual a camisinha rompa, não há chance de ocorrer uma infecção. Mas, ainda assim, não se deve esquecer o uso do preservativo. Somente a camisinha pode nos proteger de outras ISTs, como a sífilis e a gonorreia.

Só no Brasil, há quase um milhão de pessoas vivendo com o vírus do HIV. Homens e mulheres, independente de cor, classe social, orientação sexual. E a cada ano esse número vem crescendo. Além disso, há a estimativa de que mais de 100 mil pessoas tenham o vírus e não saibam. Por isso é importante estar em dia com os exames. Quanto mais cedo souber do seu estado sorológico para o HIV, mais fácil será!

E você, já fez seu exame de HIV? Não? Sim? Não nego que dá um friozão na barriga. Se deu positivo... sinta-se abraçado! E saiba que você não está

sozinho. Permita-se viver seu momento de “luto”, mas não pense que está tudo acabado. O que realmente importa é o que será feito de agora em diante. Saiba que os primeiros dias serão confusos, mas aos poucos tudo vai se alinhando e você vai ganhando forças para continuar com todos os seus planos. Com algumas alterações, é claro, mas estou certo de que você ainda vai ter a vida inteira para viver!

Capítulo 1

IAN

O primeiro passo é admitir para você mesmo que, não importa qual seja o resultado, a vida continua.

O centro de tratamento está abarrotado de gente andando em todas as direções: à esquerda uma criança corre em círculos enquanto a mãe cansada tenta acalmá-la; mais ao lado, um senhor de uns 70 anos balança para a frente e para trás, sustentado por uma bengala enquanto recusa qualquer tentativa de cortesia para que se sente; um pouco mais adiante, a porta de uma das salas de consulta está entreaberta e a médica olha para um prontuário, procurando por alguma informação enquanto uma mulher à frente dela espera, ansiosa. Do lado direito, um garoto alto com uma mecha de cabelo azul olha para o celular, balançando a perna em um movimento tão nervoso quanto o meu, e é impossível não notar que olha para o aparelho, mas não presta a mínima atenção naquilo.

E no meio de todo aquele falatório, de médicas e enfermeiras andando de lá para cá, de pessoas insatisfeitas com a demora nas suas consultas e do ventilador empoeirado que faz mais barulho do que ventila, eu espero.

— Ian Gonçalves?

A mulher de cabelos loiros até os ombros e os olhos azuis mais frios que já vi me encara com um papel dobrado nas mãos, fechando a porta da sala laboratorial. Ela tem rugas que tenta esconder com prováveis injeções de botox, um lábio repuxado de quem tentou fazer preenchimento para rejuvenescer e um colar dourado com um pingente de coração.

Pressiono meu dedo contra o algodão que suga a gota de sangue utilizada

no segundo exame rápido — tive que voltar lá porque disseram que meu sangue tinha coagulado e eles precisavam de outra amostra —, me perguntando se aqueles olhos azuis guardam boas ou más notícias.

Faço que sim com a cabeça e ela sinaliza para que eu levante.

— Por aqui, por favor. — Ela me dá as costas e segue para uma porta ao final do corredor; nem olha para trás para saber se a sigo ou não.

Talvez já esteja acostumada com aquele nervosismo velado de quem está ali para fazer um teste de HIV.

O garoto com cabelos azuis que está ao meu lado acena e expande os lábios em um sorriso cúmplice de quem me deseja sorte. Ele também pressiona o dedo contra um chumaço de algodão e espera pelo seu resultado.

Sigo pelo corredor que se transforma num borrão: estou tonto pelo nervosismo, suado pelo calor e cansado pela espera. Foram só 30 minutos, mas pareceram uma eternidade.

A sala da psicóloga, assim como todo o centro de tratamento, não está em seu melhor estado de conservação: há um balde atrás da mesa dela, onde gotas vindas de uma infiltração caem em uma trilha sonora monótona e intermitente; a mesa é de madeira, e a serragem no chão evidencia a infestação de cupins; o ventilador de teto gira preguiçosamente, espalhando poeira e fazendo o calor de outubro se tornar ainda mais insuportável dentro daquele lugar com apenas uma janela emperrada.

— Sente-se, por favor.

A primeira impressão que tenho sobre essa mulher é a de que ela não é o tipo de pessoa por quem é possível simpatizar à primeira vista. Ela tem um ar azedo, como o de alguém que tem por obrigação dar más notícias e não está muito confortável com essa função.

— Por que você decidiu fazer o teste, Ian?

É uma boa pergunta. Posso falar a verdade sobre a minha vida sexual e as duas vezes em que acabei deixando a camisinha de lado porque pensei que seria só daquela vez; ou posso mentir, e dizer que fiz uma tatuagem com um hippie e que a agulha utilizada tinha mais ferrugem do que um pedaço de ferro colocado à beira-mar. Qualquer que seja a minha resposta, tudo o que não quero é ter que encarar o julgamento dela.

— Descobri que vocês têm o teste rápido aqui, e nunca tinha feito antes,

então decidi fazer — digo, meio mentindo e meio falando a verdade, encarando os olhos frios que não param de me analisar.

A verdade é que nem sei por que diabos resolvi vir aqui. E só não estou cem por cento arrependido de ter que encarar essa mulher porque minha saúde está acima de qualquer coisa. É preciso ter motivo para querer saber sua sorologia? Sempre que vejo uma propaganda sobre isso, ela diz que é importante saber o seu status, independentemente do seu estilo de vida ou do que você faz nas horas vagas. E a primeira coisa que a psicóloga me pergunta é *por que você decidiu fazer o teste?*

Sinceramente, se a ideia aqui é não usar o sistema de culpa, a abordagem precisa ser *muito* diferente.

— Hum... — ela murmura, olhando para o papel dobrado à sua frente. Estende a minha identidade e eu a guardo de volta na carteira.

O silêncio preenche os espaços da sala por dois segundos, mas na minha cabeça é como se uma semana tivesse se passado.

— Não tenho boas notícias. — Abre o papel e aquilo já é indicativo o suficiente de que, sim, a minha vida vai mudar dali para frente.

O papel está rabiscado com uma caneta azul e um “xis” está marcando dois parênteses ao lado das três letras maiúsculas.

HIV+

Sífilis

Hepatite C

— A boa notícia é que os resultados deram negativo para sífilis e hepatite C. — Ela tenta sorrir, e faço o mesmo diante do que ela está chamando de “boas notícias”. — A má... — Deixa a frase incompleta, apontando para as marcações nos papéis que sinalizam que os dois resultados para as duas amostras diferentes de sangue (então foi por isso que eles pediram outra amostra de sangue!) deram positivo.

Fico em silêncio e ela me entrega o papel.

O que ela espera que eu faça com aquilo? Emoldure?

— Você sabe quem pode ter te contaminado?

Contaminado. Como se eu fosse a porra de uma seringa de um viciado.

— Não — respondo.

Porque é verdade, mas também é mentira. Sei quem *poderia* ter sido, mas a chance de estar certo é de cinquenta por cento. E não é o caso de eu ainda manter contato com algum desses dois caras. Ou que pudesse me lembrar do nome deles ou de como procurá-los.

Mas ei, isso não é sobre culpa, não é?

— Não mesmo? — insiste ela. — É importante que você converse com quem possa ter sid...

— Não — repito, enfático.

— Tudo bem. Você tem algum parceiro fixo?

— Não.

— Teve relações sem camisinha nos últimos meses?

— Não.

— Nem sexo oral?

Fico em silêncio, encarando o chão, cansado daquele interrogatório.

— Ian, é importante que você fale com seus últimos parceiros para que eles também possam fazer o teste. — A voz dela é quase gentil agora, como se tivesse percebido que está lidando com um ser humano e não com a merda de uma parede. — O quanto antes você falar, mais rápido eles podem tomar providências e descobrirem a sorologia deles. Certo?

— Uhum.

Mais silêncio.

— O que a gente faz agora? — pergunto.

A gente. Tento usar o coletivo para me sentir um pouco mais acolhido, mas no momento sei que estou sozinho ali.

— Você será encaminhado para a área de infectologia, e lá poderá fazer todos os exames para confirmar o teste rápido. Depois disso, o natural é que comece o tratamento o quanto antes. — Ela abre a gaveta de sua mesa carcomida por cupins e me entrega outro papel xerocado. — Leve a cópia desses documentos na recepção para que possamos nos livrar de toda essa parte burocrática.

A mulher suspira, cansada, dando um sinal de humanidade pela segunda vez naquela tarde.

Meus ouvidos estão zumbindo, estou anestesiado e tenho certeza de que, se respirar um pouco mais fundo, vou começar a chorar, então me concentro e encaro a infiltração no teto com suas veias que parecem tecidas por um

bicho geográfico.

Ela continua falando:

— Olha, as pessoas não morrem mais disso. Se você fizer o tratamento corretamente, pode ter uma vida tão normal quanto a de qualquer outra pessoa. Mas vou deixar que a infectologista converse sobre isso com você.

Você, ela diz.

No singular.

Estou completamente sozinho.

Olho para a lista de documentos, que incluem carteira de identidade, comprovante de residência, CPF e uma carteirinha do SUS, que não tenho a mínima ideia de como conseguir.

— Como você está se sentindo? — ela pergunta.

Tento encontrar uma nota de compaixão naquela voz, mas a pergunta é mecânica, quase protocolar.

— A gente tem que viver, não é? — Sorrio, repetindo em voz alta o coletivo, para reafirmar a mim mesmo que não estou sozinho. E repetindo mentalmente que não devo começar a chorar na frente dela. — Espero que dê tudo certo.

— Vai dar. — Ela me encoraja, sorrindo pela primeira vez desde que colocou aqueles olhos azuis em mim. — Se precisar de algum apoio, você pode procurar nosso setor de psicologia ou assistência social. Aqui no centro de tratamento você terá tudo o que precisar, e uma das grandes vantagens é que no Brasil o SUS cobre todo o tratamento sem maiores complicações, tudo gratuito. Você está em boas mãos.

Você, *você*, *você*.

Ela não deixa de enfatizar o singular.

Estou completamente sozinho.

Capítulo 2

VICTOR

O garoto que estava na minha frente na fila de testagem sai da sala da psicóloga com um papel dobrado nas mãos e de cabeça baixa. Seus olhos não estão inchados e não ouvi gritos durante o tempo em que esteve lá dentro, mas ele passa rápido e não olha para ninguém.

Tenho certeza de que o diagnóstico não foi bom. Do contrário, estaria sorrindo de orelha a orelha.

A psicóloga sai logo em seguida e entra novamente na sala laboratorial, onde pega outro papel dobrado e uma identidade.

— Victor Mendonça? — Ela parece cansada quando me levanto e aceno. Seus olhos são bonitos, de um azul profundo como o céu de uma tarde de outono. — Vamos lá?

Eu a acompanho até o final do corredor com as pontas dos dedos doloridas. Todas as minhas unhas foram embora de tanto roer e tenho certeza de que vou chorar como uma criança caso o resultado dê positivo.

Por que o Henrique fez isso comigo? Por que só me contou que era soropositivo *depois* que a gente transou?

— Sente-se, por favor. — Ela aponta para uma cadeira bamba com espuma amarela saindo por dois rasgos nas pontas, e obedeço, sentindo as pernas tremerem e o estômago embrulhar.

Quando pareço estar minimamente confortável, ela me estende a identidade e pergunta:

— Por que você decidiu fazer o teste, Victor?

Reflico por alguns segundos antes de falar.